

## Jorge Ferreira de Vasconcelos

Silvina Pereira  
Universidade de Lisboa  
silvinapereira@netcabo.pt

Santiago Pérez Isasi  
Universidade de Lisboa  
santi\_perez\_isasi@yahoo.es

### INTRODUÇÃO

Jorge Ferreira de Vasconcelos (Montemor-o-Velho, Coimbra, Lisboa (?), 1515/1525 (?) – 1584/1585) é um dramaturgo português injustamente esquecido, um autor universal que urge resgatar para a cena ibérica e europeia. A edição deste número especial da revista *Limite* é mais um contributo no sentido de dar a conhecer esta figura chave do século XVI e, por extensão, através da sua obra chegarmos a um melhor conhecimento do teatro quinhentista português.

Jorge Ferreira de Vasconcelos, escritor e cortesão do Renascimento português, contribuiu de uma forma valiosíssima para o teatro em Portugal. Comediógrafo notável, aristocrata e alto funcionário da corte, nasceu na segunda ou terceira década do século XVI, não se conhecendo contudo uma data exacta. Seu pai, António Dias Pereira era natural de Coimbra. Foi criado do duque de Aveiro, D. João de Lencastre, e são-lhe atribuídos os títulos de doutor jurista e de Cavaleiro da Ordem de Cristo. Não se encontrou, porém, até ao momento, documentação comprovativa destas informações fornecidas por João Franco Barreto e Diogo Barbosa Machado.

Face à documentação apresentada em 2010, foi possível documentar o percurso profissional de Jorge Ferreira de Vasconcelos<sup>1</sup>. Exerceu os ofícios e cargos de: moço de câmara do Infante D. Duarte (1540), moço de câmara de D. João III, escrivão do tesouro da casa real (1553-1563), Tesoureiro do Tesouro Real (1563 – 1575) e Tesoureiro do

---

<sup>1</sup> Cf. Silvina Pereira, *Tras a nevoa vem o sol – as comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos*, tese de doutoramento policopiada, Universidade de Lisboa, 2010.

Armazém da Guiné e Índia (1580-1583). Em 1550, Jorge Ferreira de Vasconcelos encontra-se em Lisboa, pois descreve no *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* o Torneio de Xabregas. Foi casado com D. Ana de Souto, senhora nobre. Perdeu um filho jovem, Paulo Ferreira em 1578, na batalha de Alcácer Quibir. Confirma-se ainda que a sua filha Briolanja Mendes de Vasconcelos, se casou com Dom António de Noronha em 1584, na freguesia do Sacramento, que viria a ser o promotor das edições seiscentistas das comédias *Ulysippo* e *Aulegrafia*. Morreu em 1584-1585 e foi enterrado no cruzeiro central da Igreja da Trindade, desaparecida no Terramoto de Lisboa.

Jorge Ferreira de Vasconcelos foi lido e admirado no seu tempo. As diversas edições da *Comédia Eufrosina* (1555;1560;1561;1566) são disso prova. Mas, em 1561 e 1564 os Índices inquisitoriais proibiram a *Ulysippo* a que se juntou a *Eufrosina* em 1581. Felizmente esta proibição não transpôs fronteiras, pelo que, em tempo de Monarquia Dual, a *Eufrosina* era lida e celebrada em território castelhano. Eugenio Asensio, no notável prólogo que nos deixou na edição da *Comédia Eufrosina*, a *princeps* de 1555, refere os íntimos laços da obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos com a literatura espanhola do tempo e com o humanismo europeu, lembrando que o seu mais glorioso admirador foi Lope de Vega. Em 1631 a *Eufrosina* foi traduzida para castelhano por Fernando de Ballesteros e Saavedra e teve um prefácio de Francisco de Quevedo, em 1735 foi de novo publicada e em 1910, uma 3.<sup>a</sup> edição da tradução foi promovida por Menéndez y Pelayo.

A sua obra retrata magistralmente o processo de globalização que as viagens marítimas impulsionaram e aceleraram. As três comédias em prosa que se conhecem, *Eufrosina*, *Ulysippo* e a *Aulegrafia* e o romance de cavalarias, o *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, constituem uma obra complexa e erudita cujo estudo pressupõe o concurso de várias áreas de saber, o que está de acordo com a cultura do tempo do escritor. Nas comédias, encontra-se plasmado a revisitação da herança greco-latina, a literatura do século XV e XVI e os conhecimentos trazidos pelas descobertas dos novos mundos.

O V Centenário, celebração onde se enquadrou o Colóquio a e reflexão agora editada almejou trazer à luz do século XXI o olhar de um homem que aguardava, sob uma névoa, o lugar merecido onde pudesse partilhar tudo aquilo que viu e visionou.

A frutuosa experiência artística alcançada através da encenação da *Comédia Eufrosina* em 1995 e da *Comédia Ulysippo* em 1997, bem

como as leituras cénicas da *Comédia Aulegrafia*, e todo um trabalho de estudos académicos prévios viriam a ser a base de sustentação para propor e encetar um programa que englobasse os níveis científico, literário e artístico, fazendo confluír a Literatura, a História e a História da Arte, a Estética, as modernas abordagens da teoria da arte teatral e da prática cénica.

Esse programa ficou configurado nas Comemorações do V Centenário, um projecto interdisciplinar de releitura e revalorização da figura e da obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos, composto por quatro grandes iniciativas: um ATELIER DE TEATRO RENASCENTISTA PORTUGUÊS que decorreu em Outubro de 2014 na Fundação Calouste Gulbenkian, tendo como texto de trabalho a *Comédia Eufrosina* e envolvendo escolas do ensino artístico; uma Exposição na Biblioteca Nacional de Portugal, inaugurada a 12 de Maio de 2015, dando a conhecer ao público uma figura e obra praticamente desconhecida, acompanhada de um catálogo com estudos científicos; um Colóquio Internacional, JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS – UM HOMEM DO RENASCIMENTO realizado na Fundação Calouste Gulbenkian a 28 e 29 de Maio de 2015, onde se reuniu a família vasconceliana, e a encenação da *Comédia Aulegrafia*, ainda nunca representada nos palcos portugueses. Esta última actividade, não veio a concretizar-se por razões financeiras, esperando-se, contudo, que tal venha a acontecer e desse modo, dar ao espectador de hoje a possibilidade de fruir de um texto teatral ímpar do século de ouro português.

O enquadramento do V centenário ajudou a criar um contexto favorável, onde se verificou a sinergia de instituições de prestígio e de mérito, com destaque para a Fundação Calouste Gulbenkian que, desde a primeira hora, apoiou três das iniciativas, nomeadamente o Atelier de Teatro, a Exposição e o Colóquio internacional.

É precisamente esta última iniciativa, o Colóquio Internacional, que se encontra na origem deste número monográfico e que envolveu investigadores da comunidade científica portuguesa e estrangeira, e contou com a participação de profissionais de diferentes áreas artísticas que já trabalharam ou que conhecem o repertório do autor estudado. Tratou-se, assim, dum ponto de encontro movido pelo desejo de estudar a obra de Vasconcelos, sem posições mentais preconcebidas, e que pretendeu vir a ser um ponto de partida para uma nova fase de estudos da obra vasconceliana.

Em conjunto, as diferentes contribuições ofereceram uma visão variada, ampla e contextualizada da vida, a obra e a época de Jorge Ferreira de Vasconcelos, bem como das (re)leituras e possíveis recuperações futuras das suas obras para a dramaturgia portuguesa e para o património cultural Europeu e universal.

Neste volume monográfico reúnem-se dois tipos de textos diferentes: artigos científicos de académicos de reconhecido prestígio, e uma secção de “Testemunhos” escritos sob diversas perspectivas por personalidades da cultura, da sociedade e do teatro português, tais como Guilherme d’Oliveira Martins, Fernando Dacosta ou Pedro Caldeira Cabral. O número monográfico complementa-se com um anexo, elaborado por Antonio Vistarini e John Cull, dedicado às *paremias* utilizadas pelo escritor.

Inicia-se o número com o estudo de Vítor Aguiar e Silva “A poética da criptonímia autoral na *Comédia Eufrosina*”, no qual nos dá conta das razões prováveis da estratégia de ocultação adoptada por Jorge Ferreira de Vasconcelos acerca do seu verdadeiro nome, assim como o seu significado no contexto da literatura no Renascimento/Maneirismo português.

O texto de Rita Marnoto, “Jorge Ferreira de Vasconcelos: a comédia, a cidade e a corte”, lembra como nas comédias de Vasconcelos, seguindo o modelo da comédia renascentista, a cidade é o cenário privilegiado da acção. A cidade é espaço físico onde se desenvolve o real e um conjunto de práticas quotidianas de comportamentos, bem como lugar do ficcional na acepção vitruviana. Pela sua parte, Armando Nascimento Rosa em “«Entreguemo-nos às trevas»; o teatro que teria havido” interroga-se sobre que dramaturgo é o autor da *Aulegrafia*, e como este através de uma subversão do género parece ocultar, dissimular, camuflar nas suas extensas peças a finalidade cénica.

Os trabalhos de Maria Luísa Oliveira Resende e María del Rosario Martínez Navarro ligam a obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos com outras literaturas europeias: em “Fontes gregas da *Comédia Eufrosina*: O contributo de Erasmo”, Oliveira Resende reflecte sobre a presença do legado grego, o conhecimento da cultura e literatura gregas na primeira comédia de Vasconcelos, e em “El *Aula de cortesanos* de Cristóbal de Castillejo y la *Comédia Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos: análisis comparativo de dos sátiras contra la Corte”, Martínez Navarro,

oferece-nos dois exemplos da designada literatura anti-cortesã reflectindo sobre o seu impacto nos dois países ibéricos.

Santiago Pérez Isasi no seu texto “Jorge Ferreira de Vasconcelos, ¿escritor ibérico?” fala-nos sobre o designado sistema cultural e literário ibérico, e sobre a posição que um dramaturgo português como Jorge Ferreira de Vasconcelos ocupou nele, considerando as suas fontes, os seus conhecimentos da literatura dramática espanhola e a recepção que as suas obras tiveram no país vizinho.

Esta secção deste número especial apresenta ainda o estudo “Encenar Jorge Ferreira de Vasconcelos, hoje”, onde Silvina Pereira revisita e interpela alguns aspectos da recensão crítica pós romântica, enquadra o texto dramático do comediógrafo na perspectiva cénica e lembra o desafio de encenar as suas comédias, dando corpo e voz às personagens do seu teatro.

A secção de testemunhos é composta pelos textos de Guilherme d’Oliveira Martins, “Jorge Ferreira de Vasconcelos - O Estado e a sociedade do seu tempo”, a propósito de Ferreira de Vasconcelos enquanto alto funcionário da corte, no qual fala da tensão entre a Administração da Fazenda e os mercadores e a incapacidade prática de uma gestão com eficiência e justiça; Fernando Dacosta em “Jorge Ferreira de Vasconcelos: Contra a barbárie”, lembra como Agostinho da Silva, regente de uma cadeira de teatro na Universidade de Brasília, assentava a dramaturgia portuguesa em Gil Vicente, Jorge Ferreira de Vasconcelos e Almeida Garrett, dizendo que “o primeiro criou-a, o segundo vernaculizou-a, o terceiro romantizou-a”; e Pedro Caldeira Cabral em “*Palavras sem obras, cítola sem cordas*” elenca as alusões musicais nas comédias de Vasconcelos, descrevendo os instrumentos musicais citados nas comédias e a simbólica a eles associada.

O volume termina com um anexo, preparado por Antonio Vistarini e John Cull intitulado “*Ahórquese en buen día claro: Algo más sobre las paremias en la Comedia Eufrosina*”. Neste anexo os autores oferecem um novo enquadramento sobre o conjunto de *paremias* encontradas no texto da comédia de Vasconcelos, e um elenco completo destas expressões idiomáticas (disponível só na versão digital da revista) que serão de grande utilidade para futuros investigadores da obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

Gostávamos de terminar esta breve introdução agradecendo as contribuições de outros colegas, investigadores e profissionais do mundo artístico, que ajudaram a compor um conjunto poliédrico sobre

o comediógrafo a propósito da comemoração do seu V Centenário. Lembramos assim as comunicações de Isabel Almeida, Henrique Leitão, Zulmira Santos e Inês Nemésio; de José Camões, Hugo Miguel Crespo, Álvaro Laborinho Lúcio, Pedro Teixeira da Mota, Duarte Ivo Cruz, Luís Mouro e Júlio Martín da Fonseca, as participações de Eugénia Vasques, Laureano Carreira, Paulo Ferreira, Sylvie Deswarte-Rosa e Vanda Anastácio e as apresentações institucionais de Marçal Grilo e Carmelo Rosa (Fundação Calouste Gulbenkian) e Ângela Fernandes (FL-ULisboa).

Por fim, fica aqui o agradecimento aos companheiros das lides teatrais do TEATRO MAIZUM, Júlio Martín, Augusto Portela, Mário Redondo, Miguel Vasques e Isabel Fernandes.